



APHETO

LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA E CLÍNICA
HUMANISTA FENOMENOLÓGICA

VI | Colóquio Internacional sobre a Clínica Humanista Fenomenológica.

Sofrimentos contemporâneos (in)visíveis: a mundaneidade na clínica



ANAIAS

EDIÇÕES

IFEN 

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE A CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA
Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica - APHETO
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

**ANAIS DO VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE A
CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA**

**SOFRIMENTOS CONTEMPORÂNEOS (IN)VISÍVEIS: A
MUNDANEIDADE NA CLÍNICA**

BRASIL
FORTALEZA-CE
2024

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE A CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA
Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica - APHETO
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Anais contendo os resumos das comunicações apresentadas no VI Colóquio Internacional sobre a Clínica Humanista-Fenomenológica - Sofrimentos Contemporâneos (In)visíveis: a mundaneidade na clínica.

LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA E CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA - APHETO

Coordenador: Lucas Guimarães Bloc

PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO:

Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO-Brasil)

COORDENAÇÃO DE COMISSÃO ORGANIZADORA:

Lucas Guimarães Bloc

Francisco Luan de Souza Carvalho

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO:

Willyan Mota

COORDENAÇÃO FINANCEIRA:

José Waldo Saraiva Neto

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Camila Pereira de Souza

Francisco Luan de Souza Carvalho

Juliana Lima de Araújo

Lucas Guimarães Bloc

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Carolina Leite Aguiar

Camila Pereira de Souza

Francisco de Souza Luan Carvalho

Juliana Lima de Araújo

Sâmia de Carliris Oliveira Barbosa

MONITORES:

Bruna Sendy Soares Picanço

Bruna Soares Picanço

David Lino Lobo Marques

Eduardo Barreto Fernandes Silva

Flora Dimitria Melo Oliveira

João Felipe Leite Costa

Lara Maria Dias da Silva

Maria Eduarda Matos de Oliveira

Marianna Facó Soares

Sofia Cruz Mendes de Abreu

Yasmin Borges Montezuma Brasil

EQUIPE EDITORIAL:

Camila Pereira de Souza

Francisco Luan de Souza Carvalho

José Waldo Saraiva Neto

Juliana Lima de Araújo

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE A CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA
Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica - APHETO
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Lucas Bloc
Sâmia de Carliris Oliveira Barbosa

APOIO:

Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Instituto de Fenomenologia Existencial do Rio de Janeiro – IFEN

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Colóquio Internacional sobre a Clínica Humanista-
Fenomenológica (6. : 5-7 mar. 2024 : Fortaleza,
CE)

Anais do VI Colóquio Internacional sobre a Clínica
Humanista-Fenomenológica [livro eletrônico] :
sofrimentos contemporâneos (in)visíveis: a
mundaneidade na clínica / organização Lucas Guimarães
Bloc. -- Rio de Janeiro : Edições IFEN, 2024.

PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-87456-37-9

1. Fenomenologia existencial 2. Gestalt
(Psicologia)
3. Humanismo 4. LGBTQIAPN+ - Siglas 5. Psicologia -
Congressos 6. Psicoterapia I. Bloc, Lucas Guimarães.
II. Título.

24-224768

CDD-150.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia : Congressos 150.6

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

O conteúdo dos resumos e o emprego das normas é de responsabilidade única e exclusiva de suas autoras e de seus autores. Os resumos foram submetidos à avaliação às cegas (*double blind review*) por pares. Proibida a reprodução e transmissão parcial e total desta obra por quaisquer meios – eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação - sem permissão escrita da Edições IFEN. Todos os direitos desta edição reservados à Edições IFEN.

Rua Barão de Pirassinunga, 62 - Tijuca - Rio de Janeiro - Brasil

www.edicoes.ifen.com.br

e-mail: edicoesifen@ifen.com.br



APRESENTAÇÃO

O VI Colóquio Internacional sobre a Clínica Humanista-Fenomenológica, realizado entre os dias 5 e 7 de março de 2024, na Universidade de Fortaleza, e promovido pelo Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO) teve como tema “Sofrimentos Contemporâneos (In)visíveis: a mundaneidade na clínica”. A escolha desse tema se deu a partir do desejo de pensar os diferentes modos de adoecimento contemporâneos que, por vezes, são invisibilizados, negligenciados e não reconhecidos. O intuito foi abrir um campo de discussão que pensasse o sofrimento de modo situado em suas intersecções, correlações e radical entrelaçamento com o mundo. A clínica, debatida em suas diversas possibilidades, se apresentou como possível campo de resposta ao construir um espaço para potencializar a voz daqueles que sofrem. Ela se faz no mundo, com o mundo, em seus diversos contornos que constituem a experiência humana. Reconhecer sua mundaneidade parte de uma recusa ao individualismo, no desejo de instaurar uma lente, fundamentalmente, crítica e de uma resistência que busca priorizar a experiência e o encontro.

Nessa sexta edição, o Colóquio do APHETO seguiu sua marca brasileira, nordestina e cearense desde a logomarca desenvolvida até a composição dos conferencistas, das mesas-redondas e sessões de trabalho. Ao longo de três dias de trabalhos intensos, foram duas conferências, uma delas internacional, seis mesas-redondas, com dezessete participantes convidados e dezoito trabalhos selecionados a partir do envio de resumos, apresentados em três sessões coordenadas. Como eixo comum, observamos a presença do viés humanista e/ou fenomenológico como norteador clínico para discutir, problematizar e compreender os sofrimentos contemporâneos em seu enraizamento no mundo. Corpo, gênero, raça, decolonialidade, intervenções em contextos hospitalares e plantão psicológico, solidão, luto, psicopatologia fenomenológica, estudos de caso em psicoterapia, entre outros, foram temas que marcaram os debates.

Os Anais do VI Colóquio Internacional sobre a Clínica Humanista-Fenomenológica, que disponibilizamos através da colaboração das Edições Ifen, trazem ao público os resumos dos trabalhos apresentados pelos professores, pesquisadores, estudantes e psicólogos. Deixamos, em nome da equipe do APHETO, nosso agradecimento aos participantes e o desejo que os debates trazidos possam ecoar na busca de uma clínica mundana.

Equipe APHETO

SUMÁRIO

1. CONFERÊNCIAS	8
1.1 PSICOTERAPIA DO (IN)VISÍVEL: O MÉTODO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICO	8
1.2 O CORPO BORDERLINE E AS SITUAÇÕES-LIMITE	9
2. MESAS REDONDAS	10
2.1 FENOMENOLOGIA DOS CORPOS INVISÍVEIS	10
2.1.1 A INVISIBILIDADE DO CORPO INFANTIL - A VULNERABILIDADE NA PSICOTERAPIA DE EMÍLIA	10
2.1.2 ENXERGANDO ALÉM DA ADICÇÃO ALCOÓLICA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DIALÉTICA DA RECUPERAÇÃO	11
2.1.3 EXPERIÊNCIAS DE RACISMO ANTINEGRO NO CONTEXTO DO ATENDIMENTO CLÍNICO ENTRE PSICOTERAPEUTAS	12
2.2 QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA E DECOLONIALIDADE	13
2.2.1 DESCOLONIZANDO A CLÍNICA PSICOTERAPÊUTICA COM A POPULAÇÃO LGBTQIA+: UM OLHAR GESTÁLTICO	13
2.2.2 ELEMENTOS PARA UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA BRANQUITUDE	14
2.2.3 MINHA VIDA, MEUS MORTOS, MEUS CAMINHOS TORTOS: FENOMENOLOGIA E SANGUE LATINO	14
2.3 INTERVENÇÕES CLÍNICAS FACE AO SOFRIMENTO	16
2.3.1 CUIDADOS PALIATIVOS ENQUANTO POTÊNCIA DE VIDA PARA GESTALT-TERAPIA	16
2.3.2 PLANTÃO PSICOLÓGICO E CAMINHOS DA PSICOLOGIA CLÍNICA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	17
2.3.3 INTERVENÇÕES CENTRADAS EM PESSOAS NO CONTEXTO HOSPITALAR	18
2.4 TEMAS CONTEMPORÂNEOS	19
2.4.1 EXPERIENCIANDO SOLIDÃO: DES-COMPREENSÃO DE SI	19
2.4.2 GRUPO TERAPÊUTICO EM SAÚDE MENTAL UNIVERSITÁRIA:	

ABORDAGEM HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA	20
2.5 PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA CONTEMPORÂNEA	20
2.5.1 FENOMENOLOGIA DA MANIA NO MUNDO VIVIDO DE JOÃO	21
2.5.2 A NOÇÃO DE DEPRESSIVIDADE NA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE ARTHUR TATOSSIAN	21
2.6 ANSIEDADE E ANGÚSTIA NA ACP E NA GESTAL-TERAPIA: APONTAMENTOS E IMPLICAÇÕES PARA A CLÍNICA	23
2.6.1 ANSIEDADE E VULNERABILIDADE NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: APONTAMENTOS E IMPLICAÇÕES PARA A CLÍNICA	23
2.6.2 ANSIEDADE E ANGÚSTIA NA GESTALT-TERAPIA: UM EQUÍVOCO PRODUTIVO	24
3. SESSÕES COORDENADAS	25
3.1 - A VIVÊNCIA INFANTIL EM PROCESSO DE DIVÓRCIO LITIGIOSO NA CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA: UM ESTUDO DE CASO	25
3.2 - O LUGAR DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DA SOCIEDADE DO CANSAÇO	26
3.3 - CINESTESIA CORPORAL NA RECUPERAÇÃO DE PACIENTES COM TRANSTORNOS ALIMENTARES NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA	27
3.4 - A TRANSIÇÃO CAPILAR EM MULHERES NEGRAS SOB O OLHAR DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY	28
3.5 - A EXPERIÊNCIA DE DANÇAR À LUZ DA FENOMENOLOGIA DO CORPO DE MERLEAU-PONTY	29
3.6 - A ANGÚSTIA COMO MOBILIZADORA DE SENTIDOS: PERSPECTIVAS A PARTIR DE UMA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL	30
3.7 - O SOFRIMENTO NA CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA: RELAÇÃO E MANEJO TERAPÊUTICOS	31
3.8 - O ROMANCE HILSTIANO COMO ESTÉTICO-POLÍTICA PARA UMA PSICOLOGIA DO DEVIR	32
3.9 - ALÉM DO INTERPESSOAL: SOFRIMENTO PSICOLÓGICO COM ENFOQUE DE	

GÊNERO NA TEORIA ROGERIANA	33
3.10 - (SOBRE)VIVER: O DISPOSITIVO GRUPAL CONSTRUÍDO COM A COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NA CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA	34
3. 11 - EXPERIÊNCIAS DE SUPERVISÃO SOB UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL E DECOLONIAL	35
3. 12 - COMPREENDENDO OS EMBOLADOS DA EXISTÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA SOB A LENTE HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA	36
3. 13 - A AMBIGUIDADE DA EXPERIÊNCIA DE MEDO DA MORTE E DA FUGA DA VIDA - UM ESTUDO DE CASO NA PRÁTICA CLÍNICA DE UMA PSICOTERAPEUTA INICIANTE	37
3. 14 - CORPO E MENTE: FENOMENOLOGIA E VULNERABILIDADE SOCIAL	38
3. 15 - DANÇA DE SITUAÇÃO: UM OLHAR PARA A DANÇA A PARTIR DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM FORTALEZA	39
3. 16 - A RECUPERAÇÃO COMO CUIDADO AOS TRANSTORNOS ALIMENTARES: UMA COMPREENSÃO DA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA	40
3. 17 - ANSIEDADE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO NA PERSPECTIVA HUMANISTA CENTRADA NA PESSOA	41

1. CONFERÊNCIAS

1.1 PSICOTERAPIA DO (IN)VISÍVEL: O MÉTODO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICO

Virgínia Moreira (Universidade de Fortaleza)
Lucas Bloc (Universidade de Fortaleza)
Lara Aguiar (Universidade de Fortaleza)
Caroline Vasconcelos (Universidade de Fortaleza)

A psicoterapia humanista-fenomenológica se caracteriza como um desenvolvimento contemporâneo que se constitui a partir da Psicologia humanista de Carl Rogers, da Psicopatologia fenomenológica e da fenomenologia de Merleau-Ponty. Esta comunicação tem como objetivo revisitar o método clínico humanista-fenomenológico proposto, dando um passo adiante quando passa a compreender os processos de reconhecimento e sustentação como método para o processo psicoterapêutico. A psicoterapia humanista de Carl Rogers propõe três atitudes básicas do psicoterapeuta como facilitadoras do processo psicoterapêutico: aceitação positiva incondicional, compreensão empática e autenticidade. Na psicoterapia humanista-fenomenológica também são propostas as chamadas descrição, o enquadre, a intuição eidética, a redução fenomenológica, a fala autêntica, o ver e ouvir fenomenológicos e o gesto fenomenológico. A psicopatologia fenomenológica descreve os diversos funcionamentos nos distintos transtornos mentais a partir de categorias fundamentais como tempo, corpo e espaços vividos. São discutidos os conceitos de reconhecimento e sustentação, apresentados pelo filósofo Emmanuel Saint Aubert, como um movimento dialético que se manifesta na clínica, no qual o psicoterapeuta reconhece o paciente, facilitando seu processo de reconhecer a si mesmo, o que possibilita seu processo de sustentação. O psicoterapeuta se utiliza da autenticidade, como presença, e da compreensão empática para facilitar o processo de reconhecimento do paciente. A partir dessas reflexões, propomos as noções de reconhecimento e sustentação como elementos do método humanista-fenomenológico em psicoterapia. Entendemos o processo psicoterapêutico nesse enfoque como um processo de reconhecimento do paciente no seu mundo vivido, sempre na interseção entre ele e o mundo. O paciente que aprofunda seu processo psicoterapêutico tende a se reconhecer no seu momento atual de vida, passando a enxergar seus limites e suas potencialidades, o que torna possível um movimento existencial construtivo dentro do que encontra como possibilidade naquela sua fase da vida e no contexto em que vive.

Palavras-Chave: Psicoterapia; Métodos; Humanismo-Fenomenológico.

1.2 O CORPO BORDERLINE E AS SITUAÇÕES-LIMITE

Jérôme Englebert

Université Libre de Bruxelles (ULB), Université Catholique de Louvain (UCLouvain) e
Université de Liège (ULiège).

O objetivo desta conferência é contribuir para a compreensão fenomenológica das pessoas com transtorno de personalidade borderline, analisando, em primeiro momento, a experiência corporal e a estrutura do espaço vivido no âmbito destas configurações existenciais. Esta secção é dominada pela experiência do corpo-em-desaparecimento e pela experiência da ubiquidade. Em segundo lugar, a relação com as "situações-limite", um conceito proposto há um século por Karl Jaspers, permite-nos ultrapassar o debate nosográfico a que a entidade é frequentemente confinada, definindo-a como uma perturbação "situada" entre a neurose e a psicose. As cinco situações-limite - (1) a situação histórica, (2) a batalha do amor, (3) o sofrimento, (4) a culpa e (5) a morte - revelam-se como situações cruciais em que a existência-limite se manifesta de forma específica. Centralmente, observamos que as particularidades da experiência borderline se baseiam numa temporalidade de instantaneidade e imediatismo, e implicam uma relação particular com os outros. Finalmente, o estado-limite parece pôr em causa esta tendência primordial que sugere que todos os seres humanos estão destinados a fazer parte do tempo, a amar, a sentir-se culpados, a sofrer e a fugir desse sofrimento, a morrer e a organizar a sua vida tendo em conta esta condição de finitude.

Palavras-Chave: Corpo; Transtornos Borderline; Situações-Limite

2. MESAS REDONDAS

2.1 FENOMENOLOGIA DOS CORPOS INVISÍVEIS

2.1.1 A INVISIBILIDADE DO CORPO INFANTIL - A VULNERABILIDADE NA PSICOTERAPIA DE EMÍLIA

Rosa Angela Cortez de Brito
(Universidade Federal do Mato Grosso)

As violências e a vulnerabilidade com crianças estão presentes no contexto brasileiro. A violência é um fenômeno de natureza complexa e multidimensional, em práticas que envolvem o uso abusivo de poder. No Brasil, apresenta um caráter estrutural, interligado à desigualdade social e à precariedade. Em relação às infâncias, elas se manifestam como constante tentativa de invisibilização. Esta se dá quando entendemos a criança como um adulto em miniatura. Contudo, o fenômeno infantil é diferente das representações feitas dele. Advogamos pelo retorno à infância como fenômeno, para maior visibilidade e abertura à condição de possibilidade em seu existir. Na fenomenologia, a vulnerabilidade é uma condição existencial ambígua. Ela tanto prevê a abertura e exposição, quanto a imprevisibilidade do existir situado e concreto. A violência cometida contra crianças relaciona-se com a exposição a situações violentas e contribui para um fechamento de si diante do mundo. Esse fechamento propicia uma proteção à percepção de possíveis ataques iminentes, enquanto reduz a abertura de ser no mundo. Na clínica humanista-fenomenológica, o cuidado da criança busca preservar seu lugar de sujeito. As intervenções promovem a restituição do lugar de agente e o desenvolvimento da autonomia. Na relação com as famílias das crianças, compreende um espaço viabilizador das potencialidades infantis na dinâmica familiar. Esse resumo é o recorte de uma pesquisa que buscou compreender como se dá a clínica psicoterápica humanista-fenomenológica, através de uma investigação qualitativa fenomenológica, de estudo de caso fenomenológico. Os procedimentos foram a realização de encontros clínicos e de relatos descritivos, escritos imediatamente após cada encontro. Emília tinha 8 anos à época dos atendimentos. A queixa apresentada pela família foi de dificuldades com a leitura e a escrita. Em avaliação psicológica prévia à psicoterapia, foi constatada a ocorrência de diferentes situações de violência. No início dos atendimentos, Emília detalhava eventos relativos às outras pessoas, enquanto evitava fortemente falar de si. No decorrer dos atendimentos, ficou perceptível que Emília vivenciava uma alienação de si, uma experiência de passividade vivida consigo mesma e na sua interação com o mundo. Havia uma dificuldade importante de manifestar claramente como se sentia ou como se percebia nas situações. Apresentava retraimento, intenso mal-estar e medo. Como intervenções, além das atitudes facilitadoras e das intervenções fenomenológicas, Emília foi convidada a realizar diferentes produções expressivas. No seu corpo, reproduzido nas produções, foi possível um resgate da experiência sensível. Já nas produções escritas, ocorreu a reelaboração das situações de violência. As ações interventivas também aconteceram com sua família, numa dupla via que envolveu tanto o acolhimento, quanto a assertividade no posicionamento diante das situações de violência. Como considerações finais, verificamos a impossibilidade de realizar uma clínica que desconsidere a violência estrutural presente no contexto brasileiro. Ratificamos que o sofrimento da criança é legítimo e a escuta clínica deve ser de habilidade de resposta e cuidado. Compreendemos ainda que a relação com a família da criança atendida demanda habilidades de acolhimento e reconhecimento da dinâmica parental.

Palavras-Chave: Experiências adversas da infância; Violência Doméstica; Vulnerabilidade Social; Psicologia Clínica; Ludoterapia.

2.1.2 ENXERGANDO ALÉM DA ADICÇÃO ALCOÓLICA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DIALÉTICA DA RECUPERAÇÃO

Victor Monteiro

(Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo)

Lucas Bloc

(Universidade de Fortaleza)

Guilherme Messas

(Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo)

Atualmente, a literatura científica reitera que a recuperação na adicção alcoólica não se restringe apenas à abstinência ou à moderação do uso do álcool. Ao contrário, compreende uma ‘experiência’, um ‘processo’ ou um ‘estado’ através do qual se adquire maior bem-estar e/ou qualidade de vida. Em contrapartida, não existe um consenso científico quanto ao que seja esta dimensão experiencial e processual, havendo um amplo debate sobre o tema e uma variedade de definições do que seja se recuperar deste quadro. Buscando contribuir a esta discussão, este estudo se propôs a utilizar o referencial teórico da psicopatologia fenomenológica dialética (PFD) para compreender e delinear o fenômeno da recuperação na adicção alcoólica. Para isto, realizou-se uma análise fenomenológica dialética de entrevistas fenomenológicas com oito indivíduos (n=8) brasileiros, residentes do estado de São Paulo e que se autodeclararam ‘em recuperação’ ou ‘recuperados’ da adicção alcoólica. As entrevistas foram realizadas individualmente, de forma online, entre os meses de outubro de 2021 e fevereiro de 2022. O processo de análise das entrevistas consistiu em cinco etapas consecutivas: 1) Transcrição dos relatos e expressões não-verbais, 2) Leitura e releitura de transcrições, 3) Seleção de unidades de significado, 4) Divisão em elementos da experiência pré-reflexiva e da atribuição de valor; 5) Síntese de dados e formação de categorias. Este procedimento resultou em oito categorias subdivididas em dois grupos. O primeiro grupo contou com 5 categorias referentes aos elementos da experiência da recuperação (1. mudanças na relação consigo, 2. mudanças nas relações com os outros, 3. mudanças na relação com o tempo; 4. vivência de ressignificação do sofrimento e do uso do álcool; 5. a recuperação como processo contínuo). O segundo grupo referiu-se à forma como os participantes interpretaram a recuperação conforme suas próprias visões de mundo (6. uma experiência espiritual; 7. reforma moral; 8. mudança de mentalidade). Sob o referencial da PFD, a recuperação dos entrevistados foi discutida como um processo de mudanças no modo de estar no mundo dos sujeitos, caracterizadas pelo manejo ativo e continuado de seus desbalanços existenciais. Estes processos foram conceituados como: I. reabertura à facticidade e à intersubjetividade, II. manejo e expansão da temporalidade, III. reconstrução da identidade, e IV. cuidado ativo e contínuo da própria vulnerabilidade. Os resultados nos permitiram pensar que estratégias terapêuticas voltadas ao trabalho da relação consigo, com o outro e com o tempo sejam relevantes à promoção da recuperação na adicção do álcool. Além disso, posto que a recuperação foi descrita como processo e não um estado fixo, supõe-se que serviços de saúde que auxiliem os pacientes com a manutenção de sua recuperação – e não apenas na contenção do uso alcoólico por um período demarcado – também sejam interessantes. A definição de recuperação proposta foi preliminar e novos estudos ainda se fazem necessários para sustentação desta posição.

Palavras-Chave: Adicção Alcoólica; Psicopatologia Fenomenológica; Dialética; Recuperação; Temporalidade.

2.1.3 EXPERIÊNCIAS DE RACISMO ANTINEGRO NO CONTEXTO DO ATENDIMENTO CLÍNICO ENTRE PSICOTERAPEUTAS

Virginia Teles Carneiro (Universidade Federal de Campina Grande)
Aluska Gomes de Macêdo (Universidade Federal de Campina Grande)

O trabalho resulta de uma pesquisa de iniciação científica com o objetivo de compreender a experiência de psicoterapeutas que se identificam com a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) no atendimento clínico de clientes que foram afetados pelo racismo antinegro. Foram conduzidas entrevistas fenomenológicas virtuais com 13 psicoterapeutas. As entrevistas foram gravadas em áudio e os dados foram interpretados utilizando a Análise Temática. O processo de análise permitiu a síntese dos seguintes pontos: a) conhecimento sobre raça, racismo e suas implicações no sofrimento psíquico; b) impacto da semelhança ou diferença racial entre psicoterapeutas e clientes; c) divergências entre psicoterapeutas brancos e pretos; d) necessidade de atualização teórica da ACP para abranger a diversidade racial; e) intervenções que promovam uma maior capacidade de enfrentamento do racismo. A pesquisa indica a necessidade de um maior domínio das questões raciais por parte dos psicoterapeutas ligados à ACP, especialmente aqueles que se autodeclararam brancos e pardos, uma vez que os psicoterapeutas que se identificam como pretos foram os únicos que demonstraram conhecimento sistemático sobre o tema. Percebe-se que os psicoterapeutas brancos enfrentam maior dificuldade ao abordar questões raciais nas sessões, mas reconhecem a necessidade de atualizar a ACP em relação à diversidade racial e cultural. Psicoterapeutas negros relataram ter enfrentado discriminação racial durante atendimentos clínicos, além de observarem uma maior procura por parte de clientes negros que expressam explicitamente a preferência pela identificação racial. Os participantes brancos acreditam que podem desenvolver uma compreensão profunda das questões raciais ao se educarem continuamente sobre as dinâmicas do racismo e ao examinarem seus próprios preconceitos implícitos. De maneira geral, todos consideram que podem trabalhar para criar um ambiente seguro no qual os clientes de minorias étnicas e raciais se sintam ouvidos e validados em relação às suas experiências, enquanto exploram de forma colaborativa suas preocupações e aspirações. Para isso, é fundamental que esses terapeutas estejam dispostos a examinar suas próprias atitudes em relação ao racismo. Em conclusão, os psicoterapeutas podem desempenhar um papel significativo na luta diária contra o racismo, mas para isso precisam tensionar ativamente os princípios da Abordagem Centrada na Pessoa em sua prática clínica, comprometendo-se com a promoção da igualdade racial e da justiça social.

Palavras-Chaves: Racismo; Psicoterapia; Abordagem Centrada na Pessoa.

2.2 QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA E DECOLONIALIDADE

2.2.1 DESCOLONIZANDO A CLÍNICA PSICOTERAPÊUTICA COM A POPULAÇÃO LGBTQIA+: UM OLHAR GESTÁLTICO

Marília Maia Lincoln Barreira
(Universidade de Fortaleza)

A clínica psicológica é, tradicionalmente, pensada a partir de uma lógica colonial e normativa. A colonização influenciou as concepções tradicionais de saúde mental e identidade, perpetuando estereótipos e normas hegemônicas. No entanto, cada vez mais, entende-se a necessidade de se pensar a prática psicoterapêutica a partir de uma lógica disruptiva, quebrando padrões hegemonicamente estabelecidos. A clínica psicoterapêutica com a população LGBTQIA+ estabelece-se como um lugar de diversidade, empatia e respeito, sendo um tema cada vez mais estudado. A perspectiva da Gestalt-Terapia pode colaborar neste olhar enquanto uma linha terapêutica que busca entender quais as necessidades básicas do consulente para que se tenha uma maior capacidade de autonomia e consciência sobre si e seu contexto social. Nesse sentido, esse trabalho visa promover reflexões sobre o trabalho do psicoterapeuta na clínica com a população LGBTQIA+, a partir da perspectiva da Gestalt-Terapia. Tem ainda a intenção de compreender como a lógica decolonial pode ajudar na percepção de uma clínica psicoterapêutica mais democrática e inclusiva. Ao desafiar essas narrativas coloniais, percebe-se que os psicoterapeutas podem ajudar os clientes a significarem suas identidades de maneira autêntica e capacitar-se para enfrentar os desafios únicos que enfrentam em uma sociedade heteronormativa. Destaca-se, ainda, a necessidade de reconhecer e desafiar as estruturas de poder e opressão que historicamente marginalizaram e patologizaram as identidades não normativas de gênero e sexualidade. Considera-se, por fim, a potencialidade da Gestalt-Terapia no acolhimento das alteridades, em que se ressalta a importância de uma prática que inclua as perspectivas éticas e políticas no acolhimento da população LGBTQIA+.

Palavras-Chave: Minorias de Gênero e Sexualidade; Gestalt-Terapia; Psicoterapia.

2.2.2 ELEMENTOS PARA UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA BRANQUITUDE

Hernani Pereira dos Santos
(Universidade Estadual do Ceará)

Nesta fala, eu pretendo desenvolver os fundamentos de uma fenomenologia da racialidade focada em uma análise de um segmento das experiências raciais denominado como “branquitude”. Enquanto identidade, a branquitude designa um campo de experiências que tanto projeta um campo de sensibilidades, um mundo, quanto, por outro lado, pressupõe uma sombra instituída por relações históricas e relações de poder. Por este caminho, pretendo mostrar como a “branquitude” pode ser compreendida um modo de compreensão do ser, em sentido heideggeriano, e como ela se estrutura a partir de certa invisibilidade presumida, da produção da violência e da estruturação de uma divisão no interior do Ser. Pensando na clínica, podemos verificar como ela impede uma atitude ética fenomenológica, ou, como tem sido também nomeada, uma “compreensão empática”. Minha abordagem nesta análise corresponde ao que tem sido chamado de “fenomenologia crítica”. Ela implica adotar uma perspectiva descritiva e vigilante quanto às formas pelas quais o discurso pode reduzir e reificar a experiência e as formas de sociabilidade, ao mesmo tempo voltada para como a significação é produzida de forma situada a partir das múltiplas correlações entre a subjetividade encarnada e o mundo social. A partir deste referencial, eu pretendo demonstrar, em última instância, como a branquitude funciona, ao mesmo tempo, como uma “habitação” de determinados sujeitos que gozam de certas credenciais sociais e como uma ontologia da qual todos nós participamos, em virtude da colonialidade do Ser.

Palavras-Chave: Branquitude, Compreensão, Fenomenologia, Hermenêutica, Psicologia Fenomenológica

2.2.3 MINHA VIDA, MEUS MORTOS, MEUS CAMINHOS TORTOS: FENOMENOLOGIA E SANGUE LATINO

Caio Monteiro Silva
(Universidade Federal do Ceará)

Este trabalho teve como principal objetivo traçar uma relação de continuidade entre os fenômenos clínicos e sociais. Recorremos, então, à tradição fenomenológica de interrogação dos aparecimentos para reconstituir aspectos da mundanidade latino-americana. Partindo da mundanidade latino-americana pensamos sobre como elementos históricos e sociais estão muitas vezes invisibilizados no aparecimento coetâneo da manifestação do sofrimento psíquico. Assim, através da influência heideggeriana aquilo que aparece só ganhará sua possibilidade de compreensão rigorosa através de uma operação que conecte o oculto e torne-o parte constitutiva da experiência que se desvela no aparecer por si mesmo. Desta forma, discutiu-se os processos de encobrimento da alteridade enquanto projeto da modernidade ocidental e de como esta foi alçada a experiência hegemônica com tendências universalizantes. Em seguida reconstituiu-se os campos críticos que colocaram em marcha o andamento do necessário desvelamento das experiências coloniais e seu processo de invisibilização e apagamento que construíram referências epistemo-ontológicas articuladas concretamente sobre noções e controle do gênero e da sexualidade, da subjetividade, da economia e da autoridade. A crítica da economia política de influência marxista como também a radicalidade do pensamento sobre a alteridade e sua relação intersubjetiva como a noção de Eu fundada na filosofia de Emanuel Levinas foram retomadas como fundantes para uma desconstrução e reorientação do controle colonial e de seu desdobramento em colonialidade iniciando o campo que se convencionou chamar de estudos pós-coloniais. Diante disso, coloca-se de forma contundente uma crítica ao apaixonamento por um fenomenalismo moderno que não põe sua própria racionalidade em questão alçando a si mesmo como única possibilidade. A racionalidade moderno/colonial constitui-se como o núcleo duro de uma atitude natural que posiciona e faz coincidir um tipo de racionalidade como se fosse a própria razão, um modo de existir como o próprio ser.

Palavras-Chave: Fenomenologia, Colonialidade, América-Latina, Eurocentrismo.

2.3 INTERVENÇÕES CLÍNICAS FACE AO SOFRIMENTO

2.3.1 CUIDADOS PALIATIVOS ENQUANTO POTÊNCIA DE VIDA PARA GESTALT-TERAPIA

Fernanda Gomes Lopes
(Universidade de Fortaleza)

A apresentação aborda a interseção entre os Cuidados Paliativos e a Gestalt-terapia, destacando como a evolução dos cuidados em saúde transcendeu a mera busca pela cura, enfatizando a importância da qualidade de vida e da dignidade no processo de morrer. O objetivo central é explorar como a Gestalt-terapia, com sua abordagem fenomenológica-existencial, pode enriquecer os Cuidados Paliativos ao promover uma visão integrada que valoriza a experiência humana em sua totalidade. Através de uma visão crítica, são revistados os conceitos fundamentais dos Cuidados Paliativos e da Gestalt-terapia, enfatizando a evolução histórica e as definições conceituais, e revelando uma congruência entre os princípios de ambas as abordagens, focadas na valorização da totalidade do ser e na experiência presente. A discussão é aprofundada em três eixos principais: a visão holística de saúde e doença proposta pela Gestalt-terapia, que supera a dicotomia corpo-mente e enfatiza a autorregulação e a autodeterminação; a evolução dos Cuidados Paliativos, refletindo uma mudança paradigmática na saúde que prioriza a qualidade de vida; e a importância de uma relação dialógica autêntica entre cuidador e paciente, promovendo um cuidado mais humano e integrado. Conclui-se que a integração da Gestalt-terapia aos Cuidados Paliativos representa uma abordagem inovadora que ressalta a importância da totalidade do ser, da experiência presente e da relação dialógica no cuidado ao paciente, oferecendo um caminho para um cuidado mais compassivo e integral, que não apenas alivia o sofrimento físico, mas também atende às necessidades psicológicas, sociais e espirituais dos pacientes e de suas famílias, promovendo uma vivência mais plena e significativa do processo de adoecimento e morrer.

Palavras-Chave: Cuidados Paliativos; Gestalt Terapia; Psicologia

2.3.2 PLANTÃO PSICOLÓGICO E CAMINHOS DA PSICOLOGIA CLÍNICA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Emanuel Meireles Vieira
(Universidade Federal do Ceará)

Trata-se de um ensaio teórico em que se tem como objetivo refletir sobre o sentido de um trabalho clínico de plantão psicológico no contexto contemporâneo. Para tanto, ancora-se na compreensão da contemporaneidade a partir da caracterização feita por Byung-Chul Han na obra “A sociedade do cansaço”. De acordo com o referido autor, a sociedade do cansaço é aquela em que a disciplina deu lugar à liberdade e à boa vontade e na qual cada um se comporta no sentido de ser si mesmo. Nesse contexto o eu se torna, concomitantemente, seu algoz e vítima. É, ainda, uma sociedade marcada pela hiperatenção, sem lugar para acolher sentimentos desestabilizantes de uma imagem de eu pleno e autorrealizado, como luto, ira, angústia e tédio, e resulta em burnout e tédio. O plantão, serviço que se dispõe a ouvir pessoas que reconheçam que precisam de ajuda psicológica sem agendamento prévio o mais próximo possível do momento em que manifestam esse desejo, e sem a necessidade de continuidade dos atendimentos, se configura nesse contexto como o que Han reconhece como o local do escutador. Isso significa que, da parte de quem exerce a clínica, há uma atitude boas-vindas ao outro em sua alteridade, pois se trata de um espaço de ressonância para que outro fale livremente e de participação política em sua existência. Isso significa um contraponto à cultura do curtir que marca o contemporâneo, a qual rejeita feridas e trepidações e é incapaz de elaborar conflitos. A clínica, nesse contexto, é prática de resistência e contraposição a um discurso neoliberal do eu como empreendimento em permanente atualização, pois ressoa aspectos desse eu que não encontram morada numa sociedade que rejeita o que fere a imagem de um eu pleno e autossuficiente.

Palavras-Chave: Plantão psicológico; sociedade do cansaço; contemporaneidade; psicologia clínica.

2.3.3 INTERVENÇÕES CENTRADAS EM PESSOAS NO CONTEXTO HOSPITALAR

Andréa Batista de Andrade Castelo Branco
(Universidade Federal do Ceará)

As intervenções centradas na pessoa possibilitam uma visão compreensiva do processo saúde-doença-cuidado, baseada no referencial interno do cliente, e uma atuação focada na experiência imediata do paciente e família. Esse estudo objetivou analisar a atuação centrada na pessoa no contexto hospitalar, mediante o método da pesquisa bibliográfica e uso de técnicas de leitura. Os resultados evidenciam que as perdas impostas pela doença e os efeitos do diagnóstico podem desencadear tensões entre organismo-ambiente, afetar a dinâmica da personalidade e gerar incongruência. A Abordagem Centrada na Pessoa enfatiza o uso das potencialidades do cliente que contribuem no enfrentamento das adversidades impostas pela doença, favorecendo crescimento pessoal, maior fluidez figura-fundo, redução de mecanismos de defesa, ampliação perceptiva e mudanças de autoconceito e de comportamento. Conclui-se que as atitudes do terapeuta e o enfoque nas experiências de pacientes e familiares podem facilitar a simbolização consciente da vivência hospitalar e fomentar práticas mais humanizadas no âmbito da saúde.

Palavras-Chave: Abordagem Centrada na Pessoa; Psicologia Hospitalar; Carl Ransom Rogers.

2.4 TEMAS CONTEMPORÂNEOS

2.4.1 EXPERIENCIANDO SOLIDÃO: DES-COMPREENSÃO DE SI

Carlos Roger Sales da Ponte
(Universidade Federal do Ceará)

A palestra “Experienciando solidão: des-compreensão de si” se propôs a expor breves reflexões acerca da solidão, a partir do escopo da Abordagem Centrada na Pessoa, como uma experiência em que o paciente transitaria por um território de não-reconhecimento, de estranhamento, de desamparo em relação a si mesmo. Sustenta-se essa passagem por tal desconforto e desconhecimento de si é fundamental para que o paciente possa desfazer-se de suas certezas e convicções mais íntimas para dar espaço a outros modos de ser/viver que ele perceba como mais congruentes consigo e com suas relações com o mundo. Uma tal reflexão propõe que se amplie o estudo da solidão no interior da constelação da Abordagem Centrada na Pessoa.

Palavras-Chave: Solidão; Experiência; Abordagem Centrada na Pessoa.

2.4.2 GRUPO TERAPÊUTICO EM SAÚDE MENTAL UNIVERSITÁRIA: ABORDAGEM HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA

Samia De Carliris Oliveira Barbosa
(Universidade de Fortaleza)

O estudo teve como objetivo refletir as experiências sociofamiliares, acadêmicas e terapêuticas de universitários brasileiros em contexto de vulnerabilidade social, bem como compreender uma proposta da abordagem grupal de cuidado, de perspectiva fenomenológica, direcionada a oito estudantes do Ensino Superior. Assim, a partir de uma postura fenomenológica e de uma abordagem analítica com base nos estudos de Maurice Merleau-Ponty, foram realizadas Entrevistas Individuais Fenomenológicas e a facilitação, durante cerca de dois meses, de um processo grupal aos oito estudantes de uma Instituição de Ensino Superior do Nordeste do Brasil. As percepções dos universitários desvelaram entrelaçamentos dos contextos sociofamiliar, acadêmico, político e de saúde, bem como ambiguidades nas vivências acadêmicas e terapêuticas e ajustamentos criadores mais adaptativos após a experimentação de um grupo terapêutico formado por pares. O estudo fundamentou uma abordagem grupal de cuidado exitosa na promoção da saúde mental dentro da Universidade, pois possibilitou ressignificar experiências adversas no cotidiano sociofamiliar e acadêmico dos universitários, principalmente entre aqueles que se encontravam distantes de suas famílias de origem para cursar o Ensino Superior. Ademais, o estudo permitiu reconhecer a crise instaurada na Educação Superior, caracterizada por foco no tecnicismo, competitividade, empreendedorismo e produtividade e pela negligência do treino e expressão de habilidades socioemocionais que fortaleçam as relações humanas e o desenvolvimento autêntico de indivíduos e coletivos.

Palavras-Chave: Saúde mental; Universidades; Relações familiares; Relações interpessoais; Filosofia.

2.5 PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA CONTEMPORÂNEA

2.5.1 FENOMENOLOGIA DA MANIA NO MUNDO VIVIDO DE JOÃO

Juliana Lima de Araújo
(Universidade de Fortaleza)

Esse estudo teve como objetivo compreender o vivido maníaco a partir de um estudo de caso com João, paciente com diagnóstico de transtorno bipolar que foi acompanhado em um hospital dia de uma instituição de referência em saúde mental na cidade de Fortaleza, Ceará. Os encontros com João foram estruturados tendo como eixo discursivo a experiência da mania, a partir de relatos descritivos, escritos em primeira pessoa pela pesquisadora, após cada encontro clínico. Foi ouvido um familiar de João e acessado seu prontuário, incluindo também o olhar dos profissionais. O fenômeno da experiência maníaca foi acessado no que se produziu no Lebenswelt de João e da pesquisadora, atravessado pela relação construída. A mania se revelou como um modo mais agitado e inquieto de estar no mundo, que se reflete nos movimentos corporais, na fala e em como a manifestação da mania habita o tempo e se relacionam com outras pessoas. Nos momentos de ruptura e crise maníaca, João passava a madrugada fazendo exercícios nos aparelhos de uma praça pública. Seu corpo vivido se expandia, precisava gastar a energia que excedia, associando a fala à pensamentos acelerados e desarticulados. Em um espaço vivido como estreito ou alargado, como na experiência maníaca, há uma alteração de base do solo perceptivo, na medida em que o espaço é vivido como isolado, não tocando o mundo compartilhado com o outro. Não há profundidade, se aproximando mais de uma justaposição de pontos temporais e espaciais que se encerram em um presente sem espessura. João demonstrou reconhecer que a mania não se trata de algo fora dele, de uma doença que lhe invade, mas algo seu, do seu Lebenswelt, que o constitui e necessita de cuidados constantes.

Palavras-Chave: Mania; Psicopatologia; Psicopatologia fenomenológica; Transtorno bipolar.

2.5.2 A NOÇÃO DE DEPRESSIVIDADE NA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE ARTHUR TATOSSIAN

Camila Pereira de Souza
(Universidade de Fortaleza)

A depressão é um transtorno mental caracterizado sobretudo pela perda de motivação e interesse em atividades cotidianas, sentimentos de desesperança e vazio, humor triste, irritabilidade e culpabilidade excessivas. Estima-se que mais de 300 milhões de pessoas ao redor do globo sofram dessa condição patológica, o que aumentou significativamente após a pandemia de covid-19. Na tradição da psicopatologia fenomenológica os estudos sobre a depressão ocuparam lugar de destaque deste o surgimento dessa área do saber, a qual trouxe como contribuição a busca por compreender o vivido depressivo em sua totalidade, para além da lógica sintomatológica predominante na psiquiatria tradicional. Destacamos aqui as investigações do psiquiatra francês Arthur Tatossian, que propôs uma compreensão do vivido depressivo situado entre a experiência que emerge na clínica e a teoria que se evidencia como um a priori, a qual é nomeada em sua obra como depressividade. Realizamos um estudo teórico da obra de Tatossian para fomentar uma investigação da noção de depressividade e sua contribuição para a compreensão do vivido depressivo. Destacamos que a depressividade não é uma causa ou uma nova categorização da depressão, pois isto recairia em um modelo clínico estático e rígido. A depressividade retrata o movimento dialético da experiência vivida como co-experiência, ou seja, por meio do encontro com o paciente e com a sua patologia. A depressividade se apresenta então como hipótese, como possibilidade constitutiva da depressão, a qual só é apreendida por meio da intersubjetividade vivida na relação entre o clínico e o paciente. Isto exige uma compreensão clínica pautada na ambiguidade, a qual se constitui na interseção de uma teoria sobre a psicopatologia fenomenológica que retrata uma compreensão global da depressão e, simultaneamente, por meio da prática clínica que resgata a singularidade da experiência de cada paciente. É uma forma de trabalhar em fluxo, que se sustenta na dinamicidade da própria experiência.

Palavras-Chave: Depressividade; Psicopatologia Fenomenológica; Depressão.

2.6 ANSIEDADE E ANGÚSTIA NA ACP E NA GESTAL-TERAPIA: APONTAMENTOS E IMPLICAÇÕES PARA A CLÍNICA

2.6.1 ANSIEDADE E VULNERABILIDADE NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: APONTAMENTOS E IMPLICAÇÕES PARA A CLÍNICA

Paulo Coelho Castelo Branco
(Universidade Federal do Ceará)

Esta pesquisa objetiva analisar os fenômenos da ansiedade e vulnerabilidade na Psicologia de Carl Rogers. Ambos os fenômenos: remetem à segunda condição clínica para desenvolver um processo psicoterapêutico de mudança de personalidade - a saber, que cliente esteja vivenciando um estado de incongruência; são definidos em função do grau de tomada de consciência sobre os objetos tensionais; expressam uma variação de quadro tensional que emerge de situações/problemas que afetam a pessoa, gerando incongruência a partir de desorganizações entre a experiência orgânica direta e o self, e entre as dimensões experiência (sentir via emoção), consciência (significação/simbolização da experiência) e comportamento (expressão dos sentidos e significados no ambiente). Os achados indicam que: as matrizes e teses que adornam as explicações dos fenômenos investigados e pensados por Rogers são funcionalistas, personalistas e gestaltistas; há problemas de tradução desses conceitos para o português brasileiro (por exemplo, Vulnerability foi traduzido como Angústia), que incorrem em leituras meta-rogerianas fenomenológico-existenciais, que entendem esse fenômeno pelo viés da responsabilidade e da condição ontológica de ser-no-mundo; o entendimento rogeriano sobre ansiedade parte de um modelo de variação de quadros tensionais e consciência do objeto tensional que é distante da psicopatologia fenomenológica que entende a ansiedade em termos de vivências alteradas de tempo (temporalidade). A operacionalização de intervenção sobre a ansiedade e vulnerabilidade deixou de ser tratada por Rogers a partir de sua aposentadoria, na década de 1960, ocasião em que passou a se dedicar aos campos da Educação e dos Grupos de Encontros, sem considerar os aspectos desorganizadores da personalidade. Apesar disso, conclui-se que contemporaneamente a ideia rogeriana de ansiedade pode servir de base para uma meta-teoria/prática se considerarmos os aspectos clínicos: do transtorno da ansiedade generalizada (preocupações com questões cotidianas e tensões ocorrentes); do transtorno de ansiedade social (preocupação no modo de agir perante o outro e certas situações, ocasionando [auto]avaliações negativas de si e do desempenho situacional, além de temores); de antecipações de ameaças que podem, ou não, acontecer no futuro.

Palavras-Chave: Ansiedade; Carl Rogers; Vulnerabilidade.

2.6.2 ANSIEDADE E ANGÚSTIA NA GESTALT-TERAPIA: UM EQUÍVOCO PRODUTIVO

Marcus Cézar de Borba Belmino
(Centro Universitário Dr. Leão Sampaio)

Apesar da Gestalt-terapia ser uma abordagem criada em solo norte-americano, boa parte de suas referências epistemológicas são europeias. A Gestalt-terapia recebe influências da psicanálise, da teoria reichiana, da teoria organísmica e do pensamento existencial-organísmico de Kurt Goldstein e da releitura da psicanálise produzida por Wilhelm Reich. Em todas essas perspectivas, há uma problematização daquilo que foi chamado em alemão de “Angst” e que, devido a diversas questões teóricas e linguísticas, foi traduzido para a língua inglesa como “anxiety” (ansiedade). Por mais que Fritz e Laura Perls sejam alemães, seus escritos foram produzidos em inglês. Por isso, encontramos nos textos originais da Gestalt-terapia, toda uma discussão sobre a ansiedade enquanto o efeito da repressão da excitação, apesar da matriz de construção desse conceito ser baseada na releitura das ideias de Goldstein, Freud e Reich. Esses autores se referiam diretamente a ideia de “angst” e que também sofreram essa alteração terminológica de tradução de seus conceitos para ansiedade. No Brasil, a diferença entre a noção de ansiedade e angústia é explícita, e mantendo a tradição hispânica e francesa, fazemos a diferenciação entre esses conceitos. Apesar da não diferenciação produzida pelos autores originais da abordagem, apontamos nesse trabalho que há um equívoco produtivo nessa falha de tradução. Na Gestalt-terapia, a ansiedade é utilizada para caracterizar a neurose e suas formas de inibição da excitação e há, mesmo que de maneira ensaística, uma discussão em torno do problema da psicose e suas diferenças em relação à experiência neurótica. Nesse sentido, acompanhamos aqui a proposta de autores contemporâneos que preferem utilizar o termo angústia para descrever a desarticulação de fundo de vividos para podermos definir a experiência da psicose. Para além dos problemas de tradução, acompanhamos pensar que a noção de ansiedade está mais próxima da discussão acerca da neurose, enquanto a angústia à psicose.

Palavras-Chave: Gestalt-terapia; ansiedade; angústia.

3. SESSÕES COORDENADAS

3.1 - A VIVÊNCIA INFANTIL EM PROCESSO DE DIVÓRCIO LITIGIOSO NA CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA: UM ESTUDO DE CASO

Sara Rebeca Viana Barreto
(Universidade de Fortaleza)

Caroline Quinderé Barroso
(Universidade de Fortaleza)

Uma separação conjugal é entendida como uma atitude de qualquer um dos nubentes que põe fim a sociedade conjugal. Geralmente os processos de separação litigiosa envolvem a pensão e a guarda dos filhos. Não havendo consenso entre as partes representadas pelo ex-casal, encontra-se um solo fértil para a emergência de sofrimentos psíquicos à criança. A psicoterapia sob a luz da fenomenologia possibilita uma compreensão ampla sobre o vivido, que pauta o trabalho na exaustiva tentativa de reduzir aprioris para manter uma postura ética e precisa sobre os significados construídos nas relações. A psicoterapia com crianças implica dois tipos distintos, embora interdependentes, de atuação do terapeuta: a intervenção realizada diretamente com a criança e a intervenção realizada com os pais ou com a família. Isto porque, na abordagem infantil, considerar o contexto familiar é primordial para ampliar as possibilidades de suporte. Uma vez que as crianças agem dentro de sistemas, levar em conta os aspectos sistêmicos circundantes potencializa a compreensão das variáveis envolvidas no funcionamento destas. Neste estudo apresenta-se um caso clínico infantil em um processo de separação, à luz da Clínica Humanista-Fenomenológica, descrevendo os processos vividos na relação tríade psicoterapeuta-cliente-família. Trata-se do atendimento de uma menina com onze anos de idade em processo de separação dos pais. O caso desenvolveu-se em 43 sessões durante nove meses, em consultório particular. O manejo terapêutico baseou-se fundamentalmente na utilização de atividades lúdicas, recursos para expressão e exploração de sentimentos, técnica de role-play e intervenções com os pais. Os dados do prontuário psicológico foram submetidos à análise mundana para elaboração de categorias fenomenológicas. Os resultados são explorados em quatro categorias: A) Os fenômenos relacionais conflituosos dos pais com nuances de alienação parental - A impossibilidade dos pais estarem presentes em única sessão denota como existem obstáculos na comunicação. As sessões individuais dos pais trazem perspectivas opostas sobre os acontecimentos e atribuem a responsabilidade ao genitor pelo sofrimento da criança. Além de estarem em processo judicial disputando pela guarda da filha; B) A função do psicoterapeuta apoiado no código de ética - É necessário ao psicoterapeuta se posicionar nos atendimentos seguindo as diretrizes do conselho e comunicar de forma clara qual a função da psicoterapia apontando os limites e a imparcialidade. Tal ação pode frustrar os genitores, embora resguarde o espaço seguro do setting à criança; C) Os sentimentos prevalentes expressos pela criança e as possibilidades de intervenção nas sessões - As sessões possibilitam à criança construir sua própria narrativa, desincumbir de culpa, tecer críticas aos genitores e buscar formas de autorregulação que nutra um bom relacionamento com ambos. Em termos finais, a partir da relação intersubjetiva deste campo relacional, é reiterada a possibilidade à criança o desenvolvimento de ajustes criativos saudáveis no âmbito do autossuporte mesmo em situações adversas e a sensibilização dos pais para re(construir) um ambiente psicologicamente saudável.

Palavras-chave: Divórcio; Infância; Psicoterapia infantil; Clínica Humanista-Fenomenológica.

3.2 - O LUGAR DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Mariana Dutra dos Santos
(Universidade Federal do Ceará)
Iago Cavalcante Araújo
(Universidade Federal do Ceará)

O lugar da abordagem centrada na pessoa na contemporaneidade: reflexões a partir da sociedade do cansaço. O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre o lugar da abordagem centrada na pessoa na sociedade a partir das contribuições do filósofo Byung-Chul Han. Para tanto, pensa-se a ACP provocada pelo conceito de alteridade tal como usado por Schmid e postulado por Levinas. Observa-se que a contemporaneidade encontra-se marcada pelo individualismo, digitalização das relações, proliferação do igual/do si, evitação da dor/anestesiamento, busca por soluções rápidas e fáceis e pelo aumento de desempenho a todo custo. Isso reflete nos modos de subjetivação contemporâneos, produzindo sujeitos embotados, depressivos, encapsulados, exaustos, consumistas e distantes do real encontro/confronto com o outro. Nesse cenário, as diversas psicologias são demandadas por um posicionamento, respondendo a tal chamado de acordo com os valores/técnicas que constituem seus referenciais. Abordagens voltadas para objetivos e competências ganham destaque devido a reivindicações sócio-políticas por eficiência. A abordagem centrada na pessoa, por sua vez, com seu foco nas relações humanas (em vez de centrar-se no problema ou na busca por soluções) atua produzindo outra narrativa sobre como buscar qualidade de vida e saúde, saindo da cultura atual do desempenho e da otimização em que só há duas alternativas: funcionar ou falhar. Destaca-se a perspectiva relacional de tal abordagem, em que o en-contro com o Outro enquanto, de fato, Outro (não como um alter ego), é tematizado como elemento fundamental da relação terapêutica. Ressalta-se a importância de sustentar uma clínica pautada na aceitação e responsabilização para com a diferença, compreensão empática e autenticidade, espaço seguro para a promoção de encontros significativos, lidando com a dimensão substancial e relacional do humano, em uma relação dialética entre a independência e dependência dos relacionamentos, soberania do eu e comprometimento com o outro e autonomia e solidariedade. Assim, a prática da ACP constitui-se enquanto um posicionamento clínico-político, consciente de que não existe clínica sem contexto e sem co-atuação entre terapeuta e cliente, indo de encontro às demais práticas de cuidado em o eu é demandado, simplesmente, a autoengendrar-se. A ACP, ao abrir espaço para o contato com alteridade, configura-se como práxis de promoção de saúde em uma sociedade que se aliena do Outro em sua negatividade. Demonstrou-se que pensar a ACP articulada ao contexto social, histórico e político atual é imprescindível para elaborar as respostas e posicionamentos da abordagem frente aos problemas contemporâneos. Evidenciou-se, ainda, que sustentar a promoção de saúde e cuidado a partir da relação, em detrimento da técnica, constitui um desafio de contornos singulares na sociedade atual.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa; Psicologia Humanista; sociedade do cansaço; contemporaneidade.

3.3 - CINESTESIA CORPORAL NA RECUPERAÇÃO DE PACIENTES COM TRANSTORNOS ALIMENTARES NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA

Eduardo Barreto Fernandes Silva
(Universidade de Fortaleza)
Camila Pereira de Souza
(Universidade de Fortaleza)

Compreende-se que o cuidado clínico para com Transtornos Alimentares lida com aspectos multifatoriais do nutrir e viver do corpo, perpassados por relações pessoais e culturais com a imagem corporal e a alimentação. Para a fenomenologia clínica, é fundamental a relação entre as possíveis formas de experienciar o próprio corpo em contato com o mundo a partir dos conceitos de corpo-sujeito (o corpo que sou) e corpo-objeto (o corpo que tenho). Esta concepção de corpo é cara para a fenomenologia pois torna-se um eixo fundamental de seu exercício para alcançar a experiência psicopatológica, compreendida como uma vivência cristalizada ou inflexível deste. A psicopatologia fenomenológica e seus autores, em sua investigação sobre transtornos alimentares e seus eixos comuns, têm produzido resultados e conceitos importantes no tratamento destes na última década. Diversos autores evidenciam um eixo prejudicado na experiência interoceptiva e proprioceptiva de pessoas com transtornos alimentares, que apresenta-se como uma desproporção ótico-cinestésica e passa a depender do olhar do outro para a formação da identidade e imagem corporal. Outros apontam uma possível carência na funcionalidade da experiência emocional e como esta ressoa no corpo, limitando as possibilidades criativas de ser-no-mundo. Deste modo, percebe-se um desbalanço entre corpo-sujeito e corpo-objeto na experiência dos transtornos alimentares, pautado na alienação do indivíduo para com sua experiência corporal. Reconhecendo a alta taxa de remissão de pacientes com transtornos alimentares em tratamentos puramente psicoterápicos, aproximando de 30% em algumas pesquisas, e compreendendo a multifatorialidade de sua incidência e tratamento, considera-se a integração de terapias de conscientização do corpo, oriundas do campo da fisioterapia, em conjunção com a psicoterapia, como ferramenta fundamental para a recuperação em casos de transtornos alimentares. A partir da evolução da capacidade do indivíduo de abarcar noções básicas de espaço, sensações e emoções do próprio corpo, a fenomenologia clínica é capaz de trabalhar em compreender e significar a experiência psicopatológica, visando a quebra da cristalização de um vivido adoecedor.

Palavras-chave: Psicopatologia; Transtornos Alimentares; Corpo; Tratamento.

3.4 - A TRANSIÇÃO CAPILAR EM MULHERES NEGRAS SOB O OLHAR DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY

Natália Caitano Crispim
(Universidade de Fortaleza)
Anna Karynne Melo
(Universidade de Fortaleza)

A estrutura social do Brasil é definida como desigual, racista e influenciada por concepções eurocêntricas e históricas. O racismo se evidencia em várias áreas da sociedade, se manifestando de diferentes maneiras, como a discriminação e desvalorização das características físicas das pessoas negras. Buscando ressignificar sua identidade e valorizar a cultura negra, algumas mulheres estão rompendo com pressões estéticas impostas socialmente, sendo uma delas, a transição capilar. A transição capilar é definida por alguns autores como o abandono de estéticas de alisamento com o intuito de se manter os cabelos naturais. O objetivo deste trabalho é compreender a experiência vivida da transição capilar em mulheres negras, reconhecendo, nos seus relatos, os desafios presentes neste processo. Este estudo se configura como uma pesquisa empírica-qualitativa inspirada na filosofia de Merleau-Ponty. Para investigação e análise fenomenológica mundana estabeleceu-se uma relação dialética com o fenômeno, utilizando de artifícios como a redução fenomenológica. O procedimento de coleta de dados foi realizado através de um grupo focal online, na plataforma Google meet, com roteiro não estruturado, com a pergunta norteadora: “Como foi a sua experiência de transição capilar? ”, focando na descrição da experiência vivida. A captação das participantes ocorreu por meio da divulgação de um cartaz em redes sociais. Contou com a colaboração de 6 mulheres que se identificam como negras e fizeram a transição capilar e, ocorreu no período de setembro de 2023. Os resultados foram divididos nas seguintes categorias: significação do cabelo na infância e nas relações; padrões de beleza, procedimentos de alisamento e a indústria de cosméticos; autopercepção; reconhecer-se no mundo; e processo de entendimento como mulher negra e a transição capilar. As colaboradoras demonstraram como o processo de significação do cabelo e da identidade dessas mulheres se mostra intimamente relacionado às relações sociais, culturais e familiares, assim como, as mudanças na indústria cosmética e a presença de pessoas negras nos meios de comunicação. Apresenta-se, no processo de identidade, seu aspecto inconstante, o qual se desenvolve na relação com as mudanças do mundo social e no modo de ser dessas mulheres. Diante das contribuições, conclui-se que a transição capilar é um fenômeno que transcende o âmbito estético e revela uma complexa interação entre corpo, cultura e identidade.

Palavras-chave: Transição capilar; Mulheres negras; Experiência vivida.

3.5 - A EXPERIÊNCIA DE DANÇAR À LUZ DA FENOMENOLOGIA DO CORPO DE MERLEAU-PONTY

Lara Maria Dias
(Universidade de Fortaleza)
Lia Bezerra Guedes Queiroz
(Universidade de Fortaleza)
Camila Souza
(Universidade de Fortaleza)

A dinâmica grupal tem como característica a centralidade nas relações interpessoais, o que pode auxiliar na formação de um grupo coeso, orientado pela autogestão e colaboração ao promover relações horizontais, fortalecendo laços afetivos e fomentando uma comunicação autêntica em um ambiente saudável. Este trabalho, que discute a experiência grupal no contexto de uma companhia de dança, a saber: Cia de Dança Tereza Passos localizada em Fortaleza-CE, tem como objetivo compreender as relações interpessoais entre bailarinos e o papel do corpo como vivência ativa no processo de dançar. Para isto, realizou-se pesquisa de bases qualitativas por meio do método fenomenológico. Como instrumento, utilizou-se a entrevista semiestruturada com a seguinte pergunta disparadora: “Como é para vocês a relação com o corpo do outro durante a dança?” e o diário de campo para registros da observação durante os ensaios de dança do grupo. Ressalta-se a dimensão corporal que possui destaque na fenomenologia do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty e associa-se a diversos processos observados no curso deste estudo. Ao decorrer das observações e entrevistas, percebe-se que o movimento do corpo está intrinsecamente ligado à forma como os bailarinos interagem com o mundo. O corpo, enquanto sujeito que habita o mundo, se torna a porta de entrada para sentir e compreender a realidade. Ao mesmo tempo, o corpo assume uma posição objetual perante os outros, tornando-se algo observado e interpretado por aqueles que o percebem. Essa dualidade entre o corpo como sujeito e como objeto enriquece a compreensão da intersubjetividade no contexto da dança. A interação entre a expressão individual e a coesão grupal se revela de maneira evidente. Objetivo é alcançar um uníssono durante a performance, destacando não apenas a subjetividade de cada bailarino, mas também a organização do grupo através da dança. O foco não está apenas na execução técnica, mas na capacidade de transmitir e compartilhar sensações, tornando a dança uma expressão coletiva intensamente sentida e visualmente impactante. Em suma, a experiência dentro da Cia de Dança e todo o percurso que fizemos com os bailarinos fomenta nossa compreensão acerca das relações grupais e manifestações artísticas, revelando novas perspectivas sobre o trabalho em grupo. Proporciona uma compreensão mais profunda da prática da dança, indo além do simples movimento corporal. A dança passa a ser vista como uma expressão que reflete a intersubjetividade do indivíduo, revelando como ele se posiciona e vivencia o mundo por meio de um dançar ativo. Com isso, compreendemos também a relevância do vínculo construído entre os bailarinos que dão sentido aos encontros, refletindo um respeito intrínseco pelo tempo e corpo um do outro. Esse mergulho na dinâmica do grupo revelou a complexidade da intersubjetividade, evidenciando como os afetos entre os membros se entrelaçam de maneiras profundas e impactam positivamente os objetivos almejados.

Palavras-chave: Dança; Fenomenologia; Processo Grupal; Corpo; Intersubjetividade.

3.6 - A ANGÚSTIA COMO MOBILIZADORA DE SENTIDOS: PERSPECTIVAS A PARTIR DE UMA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Emanuela Sousa dos Santos
(Centro Universitário Estácio do Ceará)
Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos
(Centro Universitário Estácio do Ceará)

Por muitos anos, a nossa sociedade, atravessada por uma cultura ocidental em sua bagagem histórica, leva consigo a questão de uma essência enquanto “definidora” de sua existência. Quando falamos em essência, desembocamos em algo cristalizado e com algum tipo de determinação e, com isso, entramos em uma problemática imutável da existência e uma supressão da mesma como um devir. Dessa maneira, os sentidos ditos da existência acabam por ficar comprometidos, pois na medida em que o ser humano se entende como um vir-a-ser, os sentidos também se movimentam. A angústia surge como um convite diante da cristalização e essencialização da existência e não como algo de ordem patológica. A embriologia do presente estudo se configura a partir dessas inquietações vivenciadas dentro e fora do espaço do contexto acadêmico científico, tendo em vista que abordar as questões humanas ditas existenciais “sempre” foi um desafio à ciência. Nesse caminho, a clínica humanista fenomenológica-existencial se “apropria” da problemática da angústia e passa a estudá-la e a ressignificar seu “valor” e o sentido que a mesma possui como algo próprio do humano, buscando trazê-la para o campo da psicoterapia e usando-a, inclusive, como algo que a caracteriza. Nesse sentido, nossa problemática embarca nas seguintes indagações: Como o ser humano compreende a questão dos sentidos do ser existencial enquanto movimento e de que forma a angústia pode ser encarada como impacto e mediação positiva na forma construtiva do ser humano? Nesse caminho, temos por objetivo geral analisar a angústia como importante fator para o devir humano, compreendendo como se dá o desdobramento dos sentidos humanos em sua construção e verificando como a angústia movimenta o atravessamento de sentidos entre sujeito e mundo, a partir de uma ótica fenomenológica-existencial. Apoiado nesse processo, o percurso metodológico do presente estudo foi constituído a partir de pesquisa bibliográfica sistemática de artigos através de consultas à plataforma do banco de dados da Scientific Electronic Library Online, do portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia, Revistas Científicas, Dissertações de Mestrado e Livros. Foi efetuado um levantamento de dados a partir de oito livros da área da filosofia, psicologia e dois referentes à metodologia. Nas plataformas on-line citadas, foi realizado um levantamento no total de trinta artigos com conteúdos que abordassem e contemplassem os temas relacionados à angústia, os sentidos e o eixo da psicologia fenomenológica-existencial destes. Foram selecionados nove artigos, sendo três da Scielo e seis da Pepsic, nove revistas científicas e duas dissertações. Dessa forma, o caminho da presente pesquisa foi sendo costurado por olhar e pensar o movimento humano como uma abertura às afetações, dos quais nem sempre são de ordem explicativas ou nomeáveis, por vezes, são apenas passíveis de serem sentidas. É também nesses espaços de sentidos que nos construímos enquanto subjetividades para com as experiências mundanas. Tais aberturas nos proporcionam possibilidades de sermos um devir como um convite para o acontecimento existencial. Diante dessa costura, foi possível cientificamente nos articular com o objetivo de estudar a angústia como mobilizadora de sentidos.

Palavras-chave: Sentidos; Angústia; Psicologia; Fenomenologia; Existencialismo.

3.7 - O SOFRIMENTO NA CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA: RELAÇÃO E MANEJO TERAPÊUTICOS

Maria Clara Aguiar Melo
(Universidade de Fortaleza)
Lucas Bloc
(Universidade de Fortaleza)

O presente resumo discutirá os atendimentos com a paciente R., a partir da visão humanista-fenomenológica, a qual demanda uma atitude da psicoterapeuta de abertura ao outro, com foco no momento presente, acolhendo e facilitando as descobertas das experiências do sujeito. O estudo visa a compreender como se dão as vivências de R., a partir da categoria fenomenológica “tempo”, tendo em vista o impacto da temporalidade em suas falas e experiências. Além disso, o estudo possui a pretensão de compreender como se dá a atuação da psicoterapeuta iniciante diante das experiências de sofrimento. Os atendimentos individuais com R. ocorreram semanalmente e foram acompanhados por supervisões e versões de sentido para discutir o caso e suas diversas repercussões na relação psicoterapeuta-paciente. R., uma mulher de 50 anos, chegou ao NAMI com queixa principal de ansiedade e depressão, além do fato de “não poder andar sozinha”. No decorrer dos atendimentos e da compreensão de sua história de vida, foram percebidas as diversas demandas de saúde física e psíquica que possui. É profundamente marcada pela morte da mãe, no período de sua infância, e pelo abandono do pai e de outros parentes. Atualmente, vive com sua companheira, uma grande rede de apoio, mas que possui, também, problemas de saúde, que fazem R. temer sofrer mais uma perda. A paciente relatou uma tentativa de suicídio e que possui, em alguns momentos, ideias, sobretudo quando pensamentos acerca da família surgem com mais intensidade. Nesse sentido, fez-se importante ouvir o que R. acreditava que o suicídio resolveria, compreender o seu significado e deixar explícita a preocupação, sempre convidando-a a expressar seus sentimentos e pensamentos que traziam sofrimento. R. recebeu alguns diagnósticos psiquiátricos e, no decorrer dos atendimentos, levou suas medicações. Apesar do olhar do humanismo-fenomenológico não priorizar classificações médicas e nosográficas, mostrou-se válido ter acesso a esse aspecto de seu mundo vivido, por meio da facilitação das descrições sobre o que aquilo significava para ela, sem reduzi-la a seus diagnósticos. O tempo vivido experienciado por R., o qual é subjetivo e não cronológico, é voltado ao passado, esfera temporal mais lembrada pela paciente, em detrimento ao presente em que vive, devido aos diversos acontecimentos de natureza traumática, como perdas, abandonos e lutos vivenciados em seus anos de vida mais remotos. A estagnação temporal de R. pode ser relacionada ao seu funcionamento depressivo, acompanhado por dores psíquicas e, também, pela desaceleração de diversos gestos, manifestada, também, no seu olhar. A paciente relatou não ser feliz e que acreditava que eu, enquanto sua psicoterapeuta, conseguia enxergar esse fato em seus olhos e em sua forma de falar. Enquanto psicoterapeuta iniciante, o contato com o outro mostrou-se desafiador, à medida em que grande parte das experiências de R. dizem respeito a sofrimentos em diversas esferas de sua vida. Porém, também foi gratificante pela possibilidade de atuar holisticamente e a partir de um olhar cuidadoso ao sujeito em sofrimento psíquico, o que foi facilitado pela relação desenvolvida no setting terapêutico.

Palavras-chave: Humanismo fenomenológico; Experiências; Tempo; Sofrimento; Atendimentos.

3. 8 - O ROMANCE HILSTIANO COMO ESTÉTICO-POLÍTICA PARA UMA PSICOLOGIA DO DEVIR

Thiago de Moraes Carneiro
(Universidade de Fortaleza)
Samia de Carliris Oliveira Barbosa
(Universidade de Fortaleza)

Vislumbra-se a interlocução entre psicologia e literatura como uma potencialidade em prol de uma reflexão que se esforça por ser seminal acerca da experiência do gênero, especificamente a experiência queer. Para a urdidura de uma relação dialógica possível entre esses domínios, toma-se o método fenomenológico, não como mera lente ocular cambiável e tecnicista, mas como corpo analítico sensível e poroso à expressão do fenômeno que se objetiva investigar. Nesse sentido, ocupa-se o corpo de modo fenomenológico, o que implica o distanciar-se dos aparatos e mecanismos ideológicos, a fim da acurácia no processo de apreensão e compreensão da materialidade dialética da experiência, e ainda antes, o distanciar-se dos prejuízos, ou seja, juízos prévios que comprometem a chance de encontro e interação, assim como a própria manifestação da diferença. Isso posto, situa-se a questão de gênero como um problema a ser escrutinado e discutido por intermédio da fenomenologia da existência e dos escritos literários de Hilda Hilst, aportando-se também nos estudos queer para tal desiderato. Ademais, utiliza-se o método da revisão narrativa da bibliografia, visando à composição de uma pesquisa com consistência teórica e especialmente rigor crítico, levando em consideração a magnitude e a radicalidade do tema de que se está diante. Trocando em miúdos, objetivando projetar luz nas possibilidades de semiótica discursiva entre psicologia e literatura, delimita-se o cuidado heideggeriano na interface possível com a literatura de Hilst, particularmente o romance trágico chamado *Rútilo Nada*. Dada a sua dimensão visceral, a escrita hilstiana mostra-se nutritiva e prolífica para a presente elaboração, uma vez que inspira modos diversos e inventivos de refletir filosoficamente o devir, o outro, o fazer-se diferença, experimentar-se como identidade em trânsito, metamorfose, bem como, concomitantemente, por fincar a ética como indagação no âmbito de sua tessitura narrativa. À luz do exposto, vale-se das contribuições contidas na arte literária, a partir da criação de Hilda Hilst, com intuito de se fomentar atitudes de cuidado a partir da psicologia no que concerne à realização do projeto ético e filosófico do Dasein, que pode se compreender como uma genuína audácia política, como devir, aberto para a expressão do si-mesmo para o outro, convocando a um posicionamento ético-estético-político em favor da diferença e da diferenciação, pela feitura de um elo por ser.

Palavras-chave: Gênero; Queer; Devir; Fenomenologia.

3. 9 - ALÉM DO INTERPESSOAL: SOFRIMENTO PSICOLÓGICO COM ENFOQUE DE GÊNERO NA TEORIA ROGERIANA

Iasmin Emanuelle de Oliveira Farias
(Universidade Federal do Ceará)
Emanuel Meireles Vieira
(Universidade Federal do Ceará)

A teoria de Rogers tem como fundamento central a concepção de sujeito, na qual a dimensão social, embora não seja negada, é considerada secundária em relação à dimensão individual da experiência. Nessa perspectiva, a pessoa é retratada como uma ilha isolada de uma sociedade com a qual estabelece relações, mas não é integralmente constituída por ela. Além disso, em sua teoria da personalidade, Rogers associa o sofrimento psicológico à adoção de condições valorativas ao longo da vida, atravessado apenas por uma dimensão que, no máximo, pode ser pensada como interpessoal. Essa abordagem, notadamente individualista, pode limitar a compreensão do sofrimento psíquico, especialmente quando consideramos a influência das relações de gênero e outros marcadores sociais, uma vez que estamos inseridos em uma sociedade binária na qual o processo de tornar-se pessoa parte do princípio de tornar-se homem ou mulher. Destarte, este estudo visa investigar a interseção entre sofrimento psicológico e gênero, analisando a teoria de Rogers como ponto de partida. Para tal, foi realizada uma revisão abrangente sobre saúde mental e questões de gênero, explorando as principais contribuições nessa área. Paralelamente, conduzimos um estudo aprofundado da concepção de pessoa presente na teoria de Rogers. É importante ressaltar que, neste contexto, o termo "gênero" é empregado como uma categoria relacional, conforme delineado por Joan Scott. De acordo com a perspectiva de Scott, gênero é uma construção social que exerce influência na formação da identidade das pessoas, sendo moldado por atribuições culturais e estabelecendo padrões e expectativas distintas para mulheres e homens. Nesse sentido, os resultados da revisão indicam que o sofrimento das mulheres aparece marcado por questões de gênero e reflete-se tanto na forma que se manifesta quanto nos processos de adoecimento. Estes estão diretamente ligados à naturalização de construtos sociais, como a expectativa de desempenhar o papel de cuidadora que muitas vezes desconsidera a necessidade de autocuidado. Em paralelo, à luz dos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa, Gillan Proctor, em seu estudo sobre Feminismo e ACP, aponta que os construtos e expectativas sociais podem aprofundar as condições de valor estabelecidas por Rogers, pois, através da conscientização da socialização dos papéis de gênero, o terapeuta compreenderia suas próprias condições de valor em um contexto social e político, e assim seria capaz de compreender melhor a forma que o outro se vê, sem correr o risco de naturalizar consequências de uma sociedade patriarcal. A partir dessa conjuntura, se faz necessária a construção de um cuidado socialmente implicado e reflexivo, como ampliação da noção de sofrimento, além da adoção de estratégias e manejos que visam à prevenção e promoção de saúde mental de mulheres. Por fim, essas considerações indicam a necessidade de futuras pesquisas na integração de gênero na prática clínica, tendo em vista o compromisso ético e social do psicólogo, sem lançar mão de outras categorias que intersubjetiva a experiência do outro que fala, como raça, classe, orientação sexual e territorialidade.

Palavras-chave: Gênero; Abordagem Centrada na Pessoa; Sofrimento Psicológico.

3. 10 - (SOBRE)VIVER: O DISPOSITIVO GRUPAL CONSTRUÍDO COM A COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NA CLÍNICA HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA

Mirela Studart Mendes Cavalcante
(Universidade Federal do Ceará)

Ana Raquel Silva Patrício
(Universidade Federal do Ceará)

Maria Mariana de Andrade Silva
(Universidade Federal do Ceará)

Aléxia de Carvalho Gaspar
(Universidade Federal do Ceará)

Júlia Fidelis Fernandes de Almeida
(Universidade Federal do Ceará)

Este é um trabalho contendo considerações científicas e reflexões ético-políticas acerca da práxis psi, através da experiência de extensão realizada pelo Programa de Educação Tutorial (PET) Psicologia na Clínica Escola de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), além das bibliografias que a compuseram junto aos frutos dessa extensão. O projeto em questão trata-se de um dispositivo-grupo aberto à comunidade LGBTQIAPN+ nomeado (Sobre)Viver, o qual operou aos moldes das facilitações de grupo de Carl Rogers e foi embasado por teorias que versam sobre gênero e sexualidade como as de Judith Butler, Michel Foucault e Valeska Zanello. Assim, o grupo foi construído visando fortalecer o compromisso com o cuidado diante da escassez de serviços de saúde acolhedores à vivência desses indivíduos, como reconhecido pela Política Nacional de Saúde Integral LGBT+. Marcadores de sofrimento psicológico e homofobia que costumam estar presentes na experiência das pessoas da comunidade evidenciam ser essencial a emergência de uma clínica ética-política. Tais problemáticas embasaram o projeto, o qual visa-se detalhar aqui a fim de expôr os aportes teóricos e metodológicos logrados neste, que consistiu em uma série de encontros grupais abertos para a comunidade facilitados pelos bolsistas do grupo PET Psicologia, os quais mantinham registros por meio da escrita de versões de sentido, conforme proposto por Amatuzzi. Posteriormente, as versões de sentido foram compartilhadas durante as supervisões e analisadas para composição deste trabalho. Na exploração das versões, foi possível perceber a entrega dos participantes à experiência daquele momento, relatando sentir, naquele espaço, segurança e conforto para compartilhar variados aspectos de sua vida, inclusive elementos que consideravam de grande intimidade, fossem eles ligados ou não a suas sexualidades. Compreendemos que tal abertura deu-se em conta da adoção das atitudes facilitadoras versadas por Rogers, as quais incluíam uma atitude de receptividade pelos facilitadores ao permitir que os participantes guiassem o encontro conforme seus interesses. Isso viabilizou a abordagem de temáticas sensíveis, como agressões, não aceitação familiar, transtornos mentais, autoimagem, etc., de forma autêntica e acolhedora por parte dos membros, que contaram experienciar um sentimento de pertencimento durante os encontros. Assim, observa-se que a participação na extensão foi benéfica para os membros dessa comunidade, que puderam encontrar um serviço de saúde mental acessível e cujo cuidado atentasse para a dimensão sócio-política de sua experiência enquanto pessoas da comunidade. No aspecto científico, é importante ressaltar a necessidade de uma práxis psicológica atenta aos marcadores sociais que influenciam a subjetivação dos indivíduos, como recorte a população LGBTQIAPN+, cuja realidade faz-se ainda melhor entendida, sobretudo em companhia da prática, através do estudo de teóricos do tema. Dessa maneira, faz-se mister a apreciação desses tópicos de forma mais evidente dentre os currículos dos cursos de ensino da Psicologia. Semelhantemente, é importante referenciar tais projetos em meios acadêmicos visando o fortalecimento dos dispositivos de Saúde Mental na cidade de Fortaleza,

assim como construir intervenções acessíveis e comprometidas com a comunidade. Outrossim, destaca-se a necessidade de atualização de uma Psicologia Humanista-Fenomenológica que repense o cuidado e atenção à pessoa sob uma ótica ética e política.

Palavras-chave: Dispositivo-grupo; LGBTQIAPN+; Saúde Mental;

3. 11 - EXPERIÊNCIAS DE SUPERVISÃO SOB UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL E DECOLONIAL

Virginia Teles Carneiro
(Universidade Federal de Campina Grande)

O trabalho tem como objetivo relatar experiências de supervisão na formação de psicólogos clínicos, em que o olhar interseccional e decolonial é abordado como fundamental para o exercício de uma escuta menos opressora e mais libertadora. Os estágios supervisionados ocorreram nos últimos três semestres letivos do curso de graduação em Psicologia de uma universidade pública. A Abordagem Centrada na Pessoa, numa perspectiva fenomenológica, é o principal referencial para o método clínico. Na supervisão, a interseccionalidade é contemplada a partir de estudos teóricos e de uma abordagem direta às narrativas das histórias de vida dos estagiários, com foco especial nas questões de classe, gênero, raça e sexualidade. Os atendimentos clínicos realizados pelos estagiários ocorreram nas modalidades de psicoterapia individual e Plantão Psicológico, ambos oferecidos em serviços públicos e gratuitos. Para conduzir o relato, foram adotadas como referência as ideias difundidas sobre as características do terapeuta culturalmente competente ao longo de três dimensões, que estão intrinsecamente articuladas: a) Estar ativamente consciente de sua própria visão de mundo como resultante de uma cultura e de como isso pode refletir em sua prática, especialmente no que se refere às chamadas minorias raciais e étnicas; b) Buscar compreender a visão de mundo de seu cliente culturalmente diferente com apreço e respeito, sem emitir julgamentos negativos ou recorrer a estereótipos; c) Desenvolver sensibilidade para adequar suas intervenções de acordo com as experiências de vida e valores culturais dos clientes. A partir da escuta de pessoas em situação de vulnerabilidade social, sendo a maioria delas mulheres negras e periféricas, na supervisão buscou-se o cultivo de uma atitude antinatural em meio a estruturas de opressão invisibilizadas e naturalizadas que obscurecem os fenômenos. Faz-se necessário abordar a relação interracial entre a supervisora e os estagiários, dando-se atenção ao surgimento de possíveis pactos narcísicos da branquitude e ao manejo de tensões advindas da diferença racial. Apontam-se possibilidades de sistematização para promover uma formação em que o saber-fazer se contraponha, de fato, ao sofrimento, exclusão e violência em sua prática clínica. O trabalho pretende fornecer subsídios para o desenvolvimento de outras iniciativas relacionadas à formação de psicoterapeutas, visando a construção de uma clínica psicológica interseccional, decolonial e localizada geopoliticamente na realidade brasileira.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Decolonialidade; Supervisão; Psicologia clínica; Formação do psicólogo.

3. 12 - COMPREENDENDO OS EMBOLADOS DA EXISTÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA SOB A LENTE HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA

Pamela Bérvely Cipriano Teixeira
(Universidade de Fortaleza)
Karla Carneiro Romero Correia
(Universidade de Fortaleza)

Este estudo aborda a experiência vivida nos atendimentos realizados por uma universitária no estágio clínico, sob a lente humanista-fenomenológica, na clínica-escola da Universidade de Fortaleza entre os meses de agosto e dezembro de 2023. O trabalho em questão buscou descrever a experiência de uma aluna de psicologia fazendo o uso das intervenções fenomenológicas para possibilitar aos pacientes entrarem em contato com as demandas que atravessam o seu mundo vivido e as possíveis mudanças percebidas em seu funcionamento a partir do processo psicoterápico. Foram atendidos 03 pacientes, totalizando 24 sessões semanais de psicoterapia individual de modo presencial com duração de 50 minutos e supervisão coletiva semanal após atendimentos utilizando como instrumento de acesso à experiência às versões de sentido, produzidas ao término de cada encontro. Os dados coletados nas 24 versões de sentido foram analisados a partir do método fenomenológico crítico. Esse instrumento permitiu entrar em contato com os sentimentos que surgiram por se tratar de uma escrita “viva”, livre e espontânea, captando as emoções do encontro intersubjetivo que aconteceu entre psicoterapeuta-pacientes-mundo. Os apontamentos merleau-pontyanos embasaram o olhar clínico e favoreceram a aproximação com os *Lebenswelt* (mundo vivido), atentando-se empaticamente ao indivíduo, não se limitando à causa dos “embolados” - dificuldades na comunicação e não clarificação dos sentimentos -, mas à compreensão e significado da experiência. A redução fenomenológica foi primordial para a tentativa de afastamento das ideias preconcebidas, mesmo sabendo da incompletude desta intervenção. As intervenções de descrição, intuição eidética, fala autêntica e ver e ouvir fenomenologicamente também foram essenciais para possibilitar a emergência dos fenômenos e a compreensão da singularidade de cada experiência. Em ambos os atendimentos percebeu-se, inicialmente, discursos incongruentes e desconectados de si. Compreender o indivíduo considerando seus contextos e vivências arraigados ao mundo, com uma postura empática e sem julgamentos colaborou na abertura e acesso às diferentes angústias, oportunizando ao paciente olhar a si mesmo e aos seus modos de funcionamento podendo favorecer na reconexão com suas histórias e com o meio. Com o processo psicoterapêutico, foi possível observar nos pacientes o início a uma apropriação de si, começando a identificar maior consciência de como se sentem nos múltiplos contextos. Apropriar-se das intervenções fenomenológicas foi fundamental para uma escuta qualificada colocando-se numa posição de não saber, estar disponível e inteiro, foram importantes para a facilitação do encontro intersubjetivo e o fortalecimento do vínculo firmado, promotor de mudanças no paciente. O estudo possibilitou vislumbrar os possíveis benefícios do processo psicoterápico e favoreceu a ampliação da compreensão do processo de tornar-se uma psicoterapeuta humanista-fenomenológica.

Palavras-chaves: Humanismo-Fenomenológico; Psicologia clínica; Intervenções fenomenológicas; Experiência; Psicoterapia.

3. 13 - A AMBIGUIDADE DA EXPERIÊNCIA DE MEDO DA MORTE E DA FUGA DA VIDA - UM ESTUDO DE CASO NA PRÁTICA CLÍNICA DE UMA PSICOTERAPEUTA INICIANTE

Isadora Lima Peixoto
(Universidade de Fortaleza)
Karla Carneiro Romero Correia
(Universidade de Fortaleza)
Pamela Bérvely Cipriano Teixeira
(Universidade de Fortaleza)

O trabalho parte de um estudo de caso da paciente Vera (nome fictício), vivenciado através da prática clínica, durante o estágio clínico I, na Universidade de Fortaleza, tendo em vista a compreensão fenomenológica pautada no ajustamento criativo neurótico, o qual possibilitou reflexões acerca do vivido neurótico e do papel do terapeuta no contato com o cliente e com suas experiências. A compreensão diagnóstica não objetiva a classificação do paciente em enquadramentos nosográficos e sim uma percepção da singularidade de seu funcionamento, a partir do olhar para o seu mundo vivido. A experiência oportunizou questionamentos acerca dos medos e cristalizações no contato da cliente consigo mesma e com o mundo, visando ampliar o campo perceptível para favorecer a compreensão dos seus sentimentos e emoções. O objetivo deste estudo é levantar como a atuação na clínica sob a lente humanista-fenomenológica, a partir do estudo de caso, contribuiu para o fortalecimento e amadurecimento da sua percepção de si ao longo das sessões. Foram realizados 15 atendimentos, sob o formato de psicoterapia individual, de forma presencial, com supervisão em grupo, utilizando-se da versão de sentido produzida imediatamente após as sessões como via de acesso à experiência imediata e espontânea. Para a presente pesquisa, foram utilizadas como instrumento de coleta de dados 15 versões de sentido e analisadas por meio do método fenomenológico crítico. O caso analisado é de uma mulher de 63 anos, a qual apresentou a queixa do medo da morte, com uma angústia que a impedia de experienciar de forma fluida o aqui-agora, sem assumir responsabilidades diante da própria vida. Angústia, ansiedade e contradições estiveram presentes no discurso inicial de Vera, repleto de contradições, pautadas no medo da morte e fuga da própria vida, com funcionamentos introjetivos, sem discriminações feitas entre o self e o mundo; projetivos, não tendo autonomia e responsabilidades por suas ações; e deflexivos, mudando o foco do diálogo para assuntos que não expusessem suas vulnerabilidades ou responsabilidades. Para isto, as intervenções fenomenológicas de descrição, redução fenomenológica, fala autêntica, ver e ouvir fenomenológico e intuição eidética auxiliaram para alcançar o que emergia, almejando compreender o todo que é singular e universal na história de Vera. No decorrer do processo psicoterápico, a cliente pôde integrar seus medos e encarar a vida com todas as suas possibilidades, repensando um funcionamento rígido e cristalizado em repetições. Considerando todo o processo de aprendizagem e de vivências oportunizadas pelos atendimentos clínicos no estágio supervisionado, foi possível experienciar as aproximações da psicoterapia e suas possíveis contribuições ao desenvolvimento da autopercepção, autorregulação e fluidez das estruturas figura-fundo. É válido destacar o quanto o estabelecimento do vínculo terapêutico pode facilitar a exploração de Vera de novos modos mais funcionais de viver. Enquanto psicoterapeuta iniciante, é fundamental observar que o processo de psicoterapia acontece na relação intersubjetiva paciente-psicoterapeuta-mundo.

Palavras-chaves: Ajustamento criativo; Gestalt; Fenomenologia; Psicoterapia.

3. 14 - CORPO E MENTE: FENOMENOLOGIA E VULNERABILIDADE SOCIAL

Brenno Santiago Gonçalves

(Universidade de Fortaleza)

Hívina Ferreira Queiroz

(Universidade de Fortaleza)

Maria Clara Campelo Mapurunga

(Universidade de Fortaleza)

Sara Guerra Carvalho de Almeida

(Universidade de Fortaleza)

A vulnerabilidade social não está somente atrelada à ausência de acesso à renda financeira, mas também está relacionada com as dificuldades nas formações de vínculos afetivos e relacionais, promovendo desigualdade no acesso às políticas públicas. Além disso, é necessário reconhecer seu impacto na subjetividade de um indivíduo e como psicopatologias podem surgir em decorrência de um contexto hostil, como no caso de um paciente de um Hospital de Saúde Mental. É imprescindível discutir sobre a Política Nacional de Saúde Mental (PNSM), que tem princípios e diretrizes adotados para organizar a atenção às pessoas com necessidades de tratamento e cuidados específicos em saúde mental. Além disso, faz-se necessário uma discussão crítica acerca do diagnóstico, que se mostra inconsistente a partir da escuta psicológica realizada, que resalta os impactos causados pela vulnerabilidade social. Este trabalho tem como objetivo discutir sobre o universo psíquico e a dinâmica afetiva de um paciente hospitalizado em um hospital de referência em saúde mental, evidenciando suas maneiras de dar sentido ao sofrimento psíquico, além de discorrer acerca dos resultados obtidos por meio da entrevista clínica, bem como os fenômenos biopsicossociais em volta, tomando como perspectiva a teoria fenomenológica. Utilizou-se a entrevista clínica como ferramenta principal. Ademais, foi realizado o registro das observações e percepções durante a atividade no diário de campo, e posteriormente, o material foi levado e discutido nas supervisões. A pesquisa de campo se deu no Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto (HSM), em Fortaleza, Ceará. O paciente será chamado de L.A. para preservar sua identidade. As entrevistas foram realizadas semanalmente, em 4 encontros, durando aproximadamente 30 minutos cada. O paciente recebeu o diagnóstico de Esquizofrenia, todavia, L.A. é um sujeito cuja realidade é desafiante, e é possível relacionar seu contexto de vida a partir da vulnerabilidade social. O paciente teve seu olho arrancado brutalmente, bem como sua liberdade. Almeja sair da instituição para voltar a trabalhar e ser reconhecido por suas habilidades. Ao descrever seus sintomas, ele se utiliza de diversos nomes e jargões bastante utilizados pela medicina, percebendo-se a influência da linguagem biomédica em sua subjetividade. A psicopatologia fenomenológica contemporânea reconhece a esquizofrenia como um distúrbio paradigmático ligado às alterações da corporeidade e da intersubjetividade. A característica essencial da existência esquizofrênica seria a descorporificação, ou seja, um comprometimento fundamental do modo de vivenciar o próprio corpo. Ao considerarmos o corpo vivido em todos os sentimentos, percepções e ações, no funcionamento esquizofrênico, há uma perda deste assentamento corporal. Ao desenvolver uma fenomenologia filosófica da ambiguidade, Merleau-Ponty situa o corpo como fio condutor do enraizamento do ser humano no mundo ao assumir o lugar de uma consciência encarnada, ou seja, diluída na própria corporeidade. Encarnada no corpo, a subjetividade constitui-se como intersubjetividade. Os relatos do paciente possibilitam compreender acerca do significado das inter-relações desse sujeito, assim como suas relações com seu contexto, influenciado por diversos fenômenos psicossociais e atravessado por diferentes significados a respeito do corpo e mente.

Palavras-chave: Entrevista; Fenomenologia; Vulnerabilidade Social.

3. 15 - DANÇA DE SITUAÇÃO: UM OLHAR PARA A DANÇA A PARTIR DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM FORTALEZA

Isabel Maria de Araújo Botelho
(Universidade de Fortaleza)

Esta pesquisa realizou um estudo acerca da experiência vivida de intérpretes e criadores em dança, abordando suas obras como “dança de situação”, um espaço constituinte e expressivo de subjetividades. Nessa perspectiva, com o apoio da fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre, proponho que o ser-que-dança-no-mundo se expresse em suas criações artísticas. Ao situar a interrelação entre o movimento dançado e o Contato Improvisação indico alguns olhares e sentidos sobre a pesquisa em dança e projeto de ser, tendo como referência a oportunidade de políticas públicas com foco em artes e culturas. Para tanto, a filosofia sartreana e as poéticas da dança contemporânea tratadas por Laurence Louppe e José Gil, bem como os estudos sobre políticas de fomento às artes e cultura difundidas em Fortaleza nos últimos 20 anos, sustentaram a principal fundamentação utilizada. A partir da compreensão do filósofo francês de que o ser-no-mundo é aquele que se projeta para além do mundo, constituindo um campo de possíveis, a fim de construir e transcender esse mesmo mundo de forma politicamente engajada, aponto que o sujeito dançante é aquele que cria o movimento e interage no mundo por meio de sua experiência vivida na dança. Sob essa ótica, o ser-que-dança-no-mundo age por sua expressão e movimento, assim sendo, a dança Contato Improvisação foi apresentada na pesquisa como dança situada, como interação do ser com o outro e com o mundo, em que se cria uma intersubjetividade e uma intercorporeidade, movimentadas pelas subjetivações e significações expressas no ato de dançar. A pesquisa empírica foi constituída por meio da participação de quatro sujeitos dançantes, os quais relataram sua experiência vivida na dança. Mediante o uso do método biográfico ou progressivo-regressivo de Sartre, os relatos foram analisados e interpretados à luz do conceito de situação sartreano, que abrange as demais noções implicadas em sua filosofia, bem como foram levantadas as influências e acessos às políticas públicas e de fomento às artes e cultura. Como resultados, a pesquisa assume que, ao dançar, o ser-no-mundo apresenta e significa sua existência, sendo assim, o projeto de ser-que-dança-no-mundo é uma composição mediada entre a facticidade e a contingência da situação e a singularidade do Para-si em seu movimento de perpétua transcendência. Como considerações finais, a pesquisa expõe as criações em dança realizadas pelos sujeitos dançantes como presentificação, transcendência e ressignificação de suas experiências vividas. Outra consideração elaborada na pesquisa expressa que, pela vivência da dança de situação, o ser-que-dança-no-mundo compõe sua obra artística de forma engajada, e impulsionada pelo acesso às políticas públicas voltadas para os campos das artes e cultura.

Palavras-chaves: Dança; Fenomenologia; Situação; Políticas Públicas.

3. 16 - A RECUPERAÇÃO COMO CUIDADO AOS TRANSTORNOS ALIMENTARES: UMA COMPREENSÃO DA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

José Waldo Saraiva Neto
(Universidade de Fortaleza)
Bianca de Sousa Nogueira
(Universidade de Fortaleza)
Lucas Guimarães Bloc
(Universidade de Fortaleza)

O objetivo deste trabalho é apresentar uma interlocução do conceito de Recuperação nos Transtornos Alimentares (TA), sobre a lente da psicopatologia fenomenológica, propondo caminhos para pensar a recuperação como cuidado em saúde mental. Esse resumo é um recorte de uma pesquisa empírica de base fenomenológica realizada que investigou a experiência do processo de Recuperação dos TA em perspectiva interdisciplinar, trabalhando psicologia, nutrição e psiquiatria. A psicopatologia fenomenológica busca a compreensão global da experiência psicopatológica, compreendendo-a como estilos existenciais que vivenciam alterações nas estruturas: tempo, espaço, corpo e outro. Pessoas que vivenciam os TA experienciam fundamentalmente alterações na experiência corporal, intersubjetiva e na construção identitária, que, muitas vezes, confunde-se com a condição psicopatológica. Dessa forma, pessoas atravessadas por essa experiência vivenciam seu corpo de forma tensionada, medidas pela radicalidade do olhar do outro, pelo medo de engordar, não vivenciando seu corpo como seu, ou até o vendo como uma prisão, trazendo conflitos que vão além do ato de comer, indo além do sentir fome. Pensar a Recuperação para esse grupo é compreendê-la como um processo que se fundamenta na experiência de vida real da pessoa, buscando a superação do TA e o desenvolvimento desse sujeito em sua globalidade. Portanto, pensar um tratamento que vai além da cura e remissão dos sintomas, tendo como princípio o engajamento do paciente que buscará em seu mundo, em sua realidade, novos sentidos e significados para sua experiência vivida, permitindo com que a pessoa vivencie uma vida satisfatória, mesmo com a presença do TA. Dessa forma, no processo de Recuperação é comum altos e baixos, recaídas que geram a sensação de fracasso ou retrocesso, ocorrendo, por exemplo, episódios de compulsão como ocorre na hiperfagia ou os mecanismos compensatórios da anorexia ou bulimia, gerando frustrações no paciente que pensa que “botou tudo a perder”. Assim, o clínico torna-se essencial como alguém que caminha de mãos dadas com o paciente em seu mundo vivido, no processo de recuperação, sendo um suporte fundamental nesse percurso, ainda mais nos momentos desafiantes. Dessa forma, a perspectiva da Recuperação pode ser um caminho promissor para a saúde coletiva no Brasil, indo além dos TA, trazendo novos olhares aos atendimentos em saúde mental, visando cada vez mais a expansão da integralidade do cuidado, além de propor um modelo de saúde menos idealista e mais adequado à realidade da pessoa. Uma vez que atualmente o sistema de saúde funciona em uma perspectiva de cura e remissão de sintomas, a Recuperação se torna uma possibilidade interessante para um modelo de saúde com ênfase no sujeito. Temos como exemplo a Redução de Danos (RD), que foi pensada para a assistência de usuários adictos, em que vê-se os efeitos nítidos das propostas de mudanças no cuidado em saúde coletiva. Podemos pensar numa possível aplicação do trabalho em Recuperação que pode vir a ser utilizado como um dispositivo da Reforma Psiquiátrica, no Sistema Único de Saúde (SUS), contribuindo com possíveis novas formas de cuidado e assistência em saúde.

Palavras-Chave: Transtornos alimentares; Psicopatologia Fenomenológica; Recuperação.

3. 17 - ANSIEDADE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO NA PERSPECTIVA HUMANISTA CENTRADA NA PESSOA

Lana Carolina Silva Pereira
(Universidade Federal do Ceará)

Virgilio Soares Luna Coelho
(Universidade Federal do Ceará)

Paulo Coelho Castelo Branco
(Universidade Federal do Ceará)

No meio universitário, as manifestações de ansiedade evocam prejuízos na permanência discente na instituição, em razão de efeitos como: procrastinação acadêmica; perda de habilidades sociais e relacionais com outras pessoas na instituição; perda de motivação para estudar e seguir com a formação acadêmica; desistência do curso etc. Diante dessas demandas, faz-se necessário a criação de medidas que possibilitem ações de promoção à saúde no público universitário com demandas relacionadas à ansiedade. Esta pesquisa tem como objetivo descrever a implementação de um serviço de aconselhamento psicológico centrado em estudantes com demandas de ansiedade, utilizando-se um modelo de pesquisa-ação como suporte metodológico para investigar e aprimorar teorias e práticas humanistas de orientação rogeriana. O serviço de Aconselhamento Psicológico foi estabelecido na própria universidade, no ambiente da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, vinculado à atividade de estágio, e tendo como aporte teórico as ideias rogerianas. O modelo da pesquisa-ação apresenta um ciclo em torno do objeto de estudo e intervenção com as seguintes etapas fundamentais: a) registro de ideias, teorias e conceitos; b) planejamento da ação; c) ação sobre o objeto da intervenção; d) monitoramento e registro; e) avaliação dos resultados da ação. Selecionamos textos representativos dos trabalhos clínicos de Rogers nos campos do Aconselhamento Psicológico e da Psicoterapia, assim como textos de autores pós-rogerianos, com o intento de nos apropriarmos da teoria rogeriana no tangente ao manejo clínico. Com base nisso, desenvolveu-se ferramentas de registro dos atendimentos e formulário de encaminhamento dos estudantes com demanda de ansiedade para atendimento psicológico com os estagiários. Nas supervisões, cada caso foi discutido semanalmente, de modo a: diferenciar a queixa trazida pelo paciente da demanda que deve ser trabalhada; explorar elementos da história da pessoa; realizar uma compreensão clínica do caso; situar o campo fenomenológico circunscrito à situação-problema; avaliar as respostas do terapeuta e refletir sobre sua atitude em atendimento. A partir do exposto, conclui-se que foi possível realizar as etapas da pesquisa-ação, tendo a última etapa — avaliação da ação — como ainda não finalizada. Prevê-se uma continuidade desse projeto, em novos editais de pesquisa já aprovados, a fim de gerar mais produções sobre práticas clínicas versadas na ótica rogeriana.

Palavras-chave: Aconselhamento Psicológico; Pesquisa-Ação; Psicologia Humanista.